

O léxico gerativo de James Pustejovsky e seus críticos

Rove Luiza de O. Chishman¹

Introdução

Neste trabalho, proponho-me a apresentar uma análise crítica sobre a Teoria do Léxico Gerativo (TLG), abordagem na área da semântica lexical delineada por James Pustejovsky (1995) a fim de reunir interesses da Ciência Linguística e da Ciência da Computação.

Trata-se de um modelo teórico em fase embrionária, mas que se propõe a cobrir uma vasta gama de fenômenos semânticos que as teorias de semântica lexical das décadas de 60 e 70 sempre analisaram tímida ou ceticamente. Levando em conta que o método tradicional de organizar uma descrição linguística de um léxico prevê uma enumeração estática, a proposta de se explorar a geratividade do léxico já é merecedora de atenção. Essa impressão que se tem das idéias de Pustejovsky, somada ao tratamento peculiar que certos problemas clássicos da semântica recebem, tais como composicionalidade, polissemia e decomposicionalidade, justificam este estudo.

Centralizando a análise nos dois componentes comprometidos com a essência gerativa da teoria – o sistema de representação em níveis e os mecanismos gerativos –, estruturamos este trabalho em três partes: (I) a apresentação da TLG; (II) a TLG e seus críticos e (III) a natureza das críticas.

¹ Professora na Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – São Leopoldo, RS.

1 A Teoria do Léxico Gerativo

James Pustejovsky modela sua semântica lexical a partir do princípio de que o léxico não pode ser apresentado como um conjunto estático de palavras. Segundo ele, só um modelo mais complexo, formado por um sistema rico de representação do conhecimento lexical, em conjunção com mecanismos de inferência, é capaz de expressar uma série de generalizações lingüísticas. A natureza polimórfica da linguagem e o uso criativo das palavras em contextos novos são fenômenos não capturados de forma sistemática por teorias que se valem de técnicas enumerativas de significado.

De acordo com Pustejovsky, há uma série de regularidades lingüísticas - independentemente de relações lexicais como sinonímia, antonímia, hiponímia e meronímia - que podem ser geradas pelo sistema, o que resultaria em um léxico com um número menor de entradas do que o apresentado pela prática comum. O relevante, segundo ele, é considerar a relação lógica entre os sentidos que um item lexical pode assumir como um dos elementos responsáveis pela simplificação das entradas. O sistema deve prever a conexão, por exemplo, entre *janela*, significando *objeto físico*, e *janela*, significando *abertura*. São propriedades de paradigmas inteiros que devem ser previstas pelos formalismos.

Entre os objetivos da teoria, destacam-se os seguintes:

- (I) Fornecer uma representação formal da linguagem para capturar a natureza gerativa da criatividade lexical e o fenômeno da extensão de sentido;
- (II) Fornecer uma descrição de como as expressões das naturais têm conteúdo e explicar como esse conteúdo pode suportar modificação contínua e modulação em contextos novos;
- (III) Fornecer um tratamento unificado para o fenômeno da polivalência, mudança de tipos e polissemia regular.

Diretamente relacionadas a esses objetivos estão as seguintes questões:

- (I) Como as palavras podem ter significados diferentes em contextos diferentes?

- (II) Como novos sentidos podem emergir composicionalmente?
- (III) Como, nas línguas naturais, os tipos semânticos mapeiam a formas sintáticas?

É com a junção de um sistema envolvendo aspectos representacionais do significado sobre os quais operam regras composicionais ou mecanismos gerativos que a TLG pretende capturar a interpretação de um item lexical específico.

1.1. Os Níveis de Representação

A Teoria do Léxico Gerativo assume uma visão alternativa de decomposição, um método procedural de decomposição lexical, nos termos de Pustejovsky. Em vez de primitivos fixos ou redes conexionistas, os itens lexicais são decompostos em formas estruturadas sobre as quais operam os mecanismos gerativos. É só com a conjunção desses dois ingredientes que se chega à construção completa do significado, condição esta que explica a natureza não-exaustiva do modelo.

Para capturar o significado lexical, são propostos quatro níveis de representação, quatro diferentes dimensões validadas pela possibilidade de integração com uma semântica do contexto. São eles:

- a) Estrutura Argumental: especifica o número e tipo de argumentos lógicos e indica o mapeamento com a sintaxe;
- b) Estrutura de Evento: distingue estados, processos e transições e adota uma análise sub-eventual;
- c) Estrutura Qualia: apresenta os atributos essenciais de um objeto, através dos papéis *formal*, *constitutivo*, *télico* e *agentivo*, e é a principal responsável pela explicação da polissemia sistemática;
- d) Estrutura de Herança: fornece princípios de organização global para o léxico, integrando-o em um todo conceptual.

Sobre a estrutura argumental, vale dizer que, sob o enfoque de Pustejovsky, trata-se de uma especificação mínima da semântica lexical que, por si só, não é suficiente para a caracterização do significado.

Através dos eventos e seus tipos e as restrições de ordem impostas sobre esses eventos, a estrutura lexical dispõe de uma configuração rica para o tratamento da polissemia verbal. Soma-se também a essas informações da estrutura de evento a noção de *nuclearidade* (*headedness*), propriedade que indica a proeminência de um evento.

A título de exemplo, considere-se a representação parcial do verbo *construir*, com as estruturas argumental e de evento:

(1)

Construir	
ARGSTR =	ARG1 = indivíduo_animado ARG2 = artefato D-ARG = material
EVENTSTR =	E1 = processo E2 = estado RESTR = < α HEAD = E1

A representação acima expressa a semântica do verbo *construir*, como, por exemplo, em "João construiu a casa com palha.", onde ARG₁ e ARG₂, correspondendo a *João* e a *casa*, são os *argumentos verdadeiros*, pois necessariamente se expressam sintaticamente. A expressão *com palha*, denominada por Pustejovsky de *argumento default*, não precisa obrigatoriamente expressar-se sintaticamente. Na estrutura de eventos, têm-se dois sub-eventos restringidos pela relação de ordem temporal indicada pelo símbolo < α .

São, no entanto, os aspectos especificados pela estrutura qualia que garantem a força expressiva da teoria. É por meio essencialmente das informações contidas nesse nível que o modelo se volta para a semântica dos nominais e dos adjetivos. Considere-se a estrutura Qualia da palavra *livro*:

(2)

livro (x)	
CONST = páginas (z)	
FORMAL = obj.físico (x)	
TÉLICO = ler (P, y, x)	
AGENTIVO = escrever (T, w, x)	

Tendo os seus valores apresentados em forma de *tipos*, a estrutura qualia contém os predicados já fornecidos pela palavra. O *papel constitutivo* expressa a relação da palavra e suas partes; o *papel formal* distingue a palavra em um domínio maior; o *papel télico* indica sua utilidade; e o *papel agentivo*, o modo como se originou.

Sob esse enfoque, a denotação de um objeto deve indicar os papéis que compõem a estrutura qualia, o que significa que conhecer um objeto envolve não somente a capacidade de identificar ou referir, mas também a de explicar como um artefato vem a existir ou para que ele é usado. É relevante observar que é através desse sistema de relações que Pustejovsky caracteriza a semântica dos nominais e os apresenta também como elementos ativos quando sob efeito de determinadas operações. Decompondo os itens lexicais em diferentes parâmetros lógicos, o modelo sugere uma nova proposta de decomposição.

A relevância das dimensões que compõem a estrutura qualia pode ser mensurada ao se analisarem as propriedades que caracterizam a estrutura de herança, nível sobre o qual operam os mecanismos responsáveis pela criação de categorais *ad hoc*. Ainda pouco exploradas por Pustejovsky, a teoria de herança lexical é idealizada para tatar das relações de herança entre conceitos e do modo como os conceitos são integrados a uma sentença. O diferencial está na possibilidade de se expressarem relações envolvendo apenas parte das dimensões da estrutura qualia. Nesse sentido, ao invés de se valer de um reticulado único para indicar as estruturas de herança, têm-se diferentes reticulados para cada papel da qualia o que parece favorável para que se impeça o processamento de inferências indesejáveis. Por exemplo, palavras como *livro* e *dicionário* apresentam diferenças relevantes não previstas pela relação IS-A:

livro	is_formal	obj-fis
livro	is_telic	informação
dicionário	is_formal	livro
dicionário	i_telic	referência

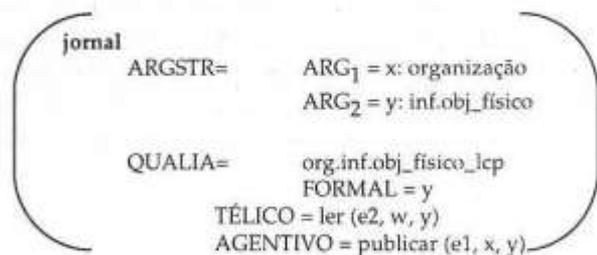
1.2 Os Mecanismos Gerativos

Se as informações taxonômicas contidas nas entradas lexicais já são um forte indicativo da preocupação da teoria em capturar a expressividade do léxico, são os fatores gerativos os responsáveis pela efetivação do processo interpretativo. É opinião de Pustejovsky que a representação semântica só se justifica por facilitar as inferências que um sistema de raciocínio deve desempenhar para compreender uma sentença. As dimensões da estrutura qualia, sob essa ótica, assumem o papel não apenas de estruturar o conhecimento, mas também de sugerir interpretações em determinado contexto.

Dos mecanismos propostos pela Teoria do Léxico Gerativo para operar sobre os níveis de representação, merecem destaque os *Paradigmas Conceptuais Lexicais* (os LCPs), a operação de *coerção de tipos* e a transformação semântica denominada *co-composição*.

Os paradigmas conceptuais lexicais fornecem um meio de caracterizar um item lexical como uma meta-entrada. São ilustrativos por expressarem o modo como os níveis de representação interagem para codificar as ambigüidades de alternâncias nominais. Representando a relação lógica entre os sentidos polissêmicos como um *tipo pontuado* (*dotted type*), os LCPs projetam ambos os significados sem duplicar o número de entradas. Observe-se a representação do item *jornal*.

(3)



Como motivação semântica para o emprego desse recurso dos objetos pontuados, Pustejovsky faz menção ao fato de que os conceitos associados a portas, janelas e livros não

podem ser caracterizados com base na conjunção de tipos simples ou de propriedades. Como motivação lexical, são mencionadas a predizibilidade e a sistematicidade de tais conceitos através das línguas particulares.

A coerção de tipos é a operação semântica que converte um argumento para o tipo que é esperado por uma função; do contrário, ocorreria um erro de tipo. Para explicar o comportamento de verbos como *começar*, *gostar*, *querer*, *acreditar*, que ocorrem com diferentes argumentos, Pustejovsky sustenta que é o complemento que se ajusta, através de operações de mudança de tipos, às exigências da função regente. Com isso, rejeita-se a idéia de que o verbo tem vários sentidos, o que vem a reduzir o número de entradas. Tomem-se os seguintes exemplos:

- (4) a. João quer partir.
b. João quer uma cerveja.
c. João quer que Pedro parta.

Adotando essa estratégia, deve-se admitir que têm-se três realizações sintáticas distintas, mas associadas a um mesmo tipo semântico - uma proposição. Nos casos *b)* e *c)*, o tipo esperado pela função emerge a partir de uma operação que resgata o tipo semântico representado no papel télico incorporado na entrada lexical do argumento. Em se tratando, por exemplo, da entrada lexical da palavra *cerveja*, haveria no papel télico a informação de que esta serve para se beber.

Uma outra operação que expressa bem essa forma alternativa de conceber a aplicação de função é a *co-composição*, uma regra que permite que o significado de uma sentença também seja determinado a partir da aplicação da função do argumento sobre o verbo. Trata-se, indubitavelmente, de uma forma pouco convencional de composicionalidade.

O caso clássico de *co-composição* apresentado por Pustejovsky para ilustrar como se processa tal operação envolve as sentenças com verbos como *bake* (assar), que pode receber duas interpretações diferentes: mudança de estado, como em (5)a, e criação, como em (5)b.

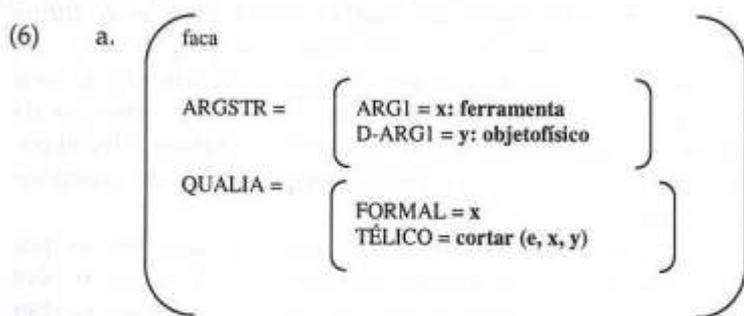
- (5) a. John baked the potato.
b. John baked the cake.

É explorando a semântica dos artefatos que Pustejovsky defende que há apenas um sentido para *bake* – o sentido de mudança de estado. A segunda interpretação, a de (5)b., é derivada através da própria semântica de *cake*, que faz referência no quale agente ao processo de *bake*.

Ligação seletiva é o mecanismo da TLG que lida com a semântica dos adjetivos. A estratégia adotada por Pustejovsky para analisar a permeabilidade de sentido envolvendo a modificação adjetival consiste em criar um mecanismo capaz de fazer uso da descrição semântica dos nomes modificados pelos adjetivos para dar conta dos sentidos contextualizados.

Para justificar a inclusão da ligação seletiva como um recurso relevante, são apontadas três asserções: (i) a inabilidade dos léxicos enumerativos em expressar as aplicações criativas de um adjetivo; (ii) a dependência semântica dos constituintes que o acompanham; (iii) a possibilidade de modificar indivíduos ou eventos.

Através desse mecanismo interpretativo, adjetivos como *rápido*, *bom*, *longo*, podem ser vistos como predicados de evento, permitindo que se chegue a uma interpretação seletiva sobre um evento de um quale particular. Considerem-se (6)a., que ilustra a estrutura qualia de *faca*, e (6)b., ilustrando a interpretação resultante da aplicação desse mecanismo sobre o papel TÉLICO.



b. uma boa faca: uma faca que corta bem

2 A TLG e seus Críticos

Reuniu-se aqui um conjunto de quatro críticas que a TLG tem recebido. Dependendo da linha teórica assumida, voltam-se para aspectos mais gerais ou mais específicos do modelo.

2.1 A Crítica de Fodor & Lepore

Fodor & Lepore (1998) questionam os argumentos que levaram James Pustejovsky a assumir a premissa de que as entradas lexicais devem ser objetos tipicamente complexos. Os autores querem essencialmente mostrar que as entradas lexicais só devem ser complexas de uma maneira que não comprometa a tese de que o significado é atomístico nem a identificação do significado lexical com a denotação.

Na primeira parte da crítica, a análise se volta para três dos argumentos oferecidos por Pustejovsky para sustentar a complexidade das entradas lexicais: a necessidade de o modelo expressar as relações interlexicais, o compromisso com a boa formação semântica e as correlações com distribuição sintática.

O problema de a semântica lexical especificar as relações interlexicais, segundo Fodor & Lepore, está na necessidade ou não de uma inferência para a constituição do significado. Partindo do princípio de que as inferências necessárias, como *dois* → *primo*, não precisam constituir o significado, eles criticam o compromisso do modelo em expressar inferências mais fracas, como em (7):

(7) querer um cigarro → querer fumar um cigarro

O segundo argumento discutido, voltado para as dificuldades da TLG em expressar as propriedades de boa formação semântica, concentra-se em sentenças cuja má-formação está associada à semântica dos complementos. Exemplos como *began the dictionary* e *began the rock*, vistos como anômalos por Pustejovsky em função do que se associa normalmente a *dicionários* e *pedras*, não são rejeitados por Fodor & Lepore. Em caso de haver defectividade do significado, acrescentam eles, as representações lexicais deveriam identificar.

A sustentação do terceiro argumento para justificar a complexidade das entradas lexicais – a relação entre semântica

lexical e distribuição sintática – esbarra na imprecisão da metalinguagem. Destaca-se aqui a tipologia em eventos que têm uma culminação lógica, eventos de realização (*accomplishments*), e eventos que denotam atividades de duração ilimitada, ou seja, eventos de atividade, utilizada por Pustejovsky para explicar a impossibilidade de o complemento do verbo *devorar* ser omitido, como em *O cachorro devorou*.

A segunda parte da crítica põe em cheque a visão de polissemia assumida por Pustejovsky. Se para o autor de *The Generative Lexicon* capturar a relação lógica dos dois sentidos de uma expressão polissêmica é um fato que deve ser contemplado pelas entradas lexicais, para Fodor & Lepore, casos de polissemia que são sintaticamente homogêneos, tais como *janela* significando *abertura* ou *objeto físico*, são meros exemplos de um caso mais geral de que as palavras podem assumir infinitos sentidos em diferentes contextos.

Os autores, mais uma vez, se referem ao problema das inferências. Questionando o recurso que Pustejovsky emprega para capturar a sensibilidade do significado ao contexto e, conseqüentemente, reduzir o número de sentidos armazenados no léxico, Fodor & Lepore rejeitam a idéia de que o significado das expressões regentes possa ser modelado pela semântica das expressões regidas, como previstas pela operação de composicionalidade.

Fodor & Lepore encerram a crítica apresentando de forma mais explícita a sua concepção de geratividade. Para eles, geratividade e complexidade lexical não são fatores necessariamente indissociáveis. Ao se manifestarem sobre a questão mais diretamente ligada à geratividade – a composicionalidade –, eles são categóricos: cada constituinte contribui com o seu conteúdo, e o efeito de um constituinte sobre os demais é absolutamente independente de contexto.

2.2 A Crítica de Françoise Gayral

A releitura que Gayral (1998) faz da proposta de Pustejovsky também focaliza aspectos já criticados por Fodor & Lepore: a versão de composicionalidade, o papel das inferências, a

estrutura qualia e a geratividade; contudo, segue uma ótica diametralmente oposta.

Se para Fodor & Lepore a versão de composicionalidade adotada por Pustejovsky é forte demais, para Gayral, o próprio princípio de composicionalidade já é motivo de questionamento. Fodor & Lepore são céticos quanto às inferências lexicalmente governadas; Gayral, em contrapartida, considera parâmetros como a situação de enunciação e intenção comunicativa como relevantes para tratar as inferências. A estrutura qualia também é criticada por Gayral por expressar o conhecimento público de uma forma muito controlada. Em suma, é a ótica de quem considera que a interpretação é mais bem explicada como uma habilidade de fazer inferências pragmaticamente orientadas do que como um exercício de tradução sobre uma forma lógica.

Para Gayral, a TLG, apesar de levar em conta uma certa criatividade do significado no contexto, deixa a desejar por não reconhecer o processo interpretativo como um imenso jogo de interações, isto é, um processo dinâmico que atinge um tipo de equilíbrio quando todas as restrições, de todos os níveis, tenham sido levadas em conta.

Merece destaque a apreciação que Gayral faz da aplicação da operação de coerção para gerar a interpretação das construções com verbos eventivos, como *begin* e *enjoy*. O problema está em generalizar que a operação de coerção atua sobre a estrutura qualia de forma idêntica. Se para *livro*, a faceta do papel télico (*ler*) ou do papel agentivo (*escrever*) são igualmente acessíveis para compor a interpretação, o mesmo não ocorre em *começar um pulôver*, que não admite a primeira possibilidade. No caso de *um prato rápido*, em contrapartida, é a faceta agentiva que é acessada.

2.3 A Crítica de Godard & Jayez e Verspoor

Ao contrário das duas críticas anteriores, que não assumem qualquer compromisso com o lexicalismo, os estudos de Godard & Jayez (1993) e Verspoor (1997) examinam o tratamento proposto para explicar o fenômeno da metonímia lógica, em especial o processo de interpretação das sentenças com verbos que podem ter como complemento um VP eventivo ou um

NP, como *begin*, *finish* e *enjoy*, a partir de uma perspectiva totalmente compatível com a assumida por Pustejovsky.

Tanto Godard & Jayez (1993) como Verspoor (1997), conseqüentemente, compartilham da idéia de que a informação estruturada sobre o significado lexical desempenha um papel crucial para explicar a interpretação das sentenças metonímicas.

Godard & Jayez se voltam para o processo de coerção de tipos. Eles propõem uma abordagem para a coerção em que as diferenças nas propriedades coercitivas desses verbos são lexicalmente especificadas, de maneira que a coerção não exige uma mudança do NP complemento, já que esta é incorporada em uma representação semântica ricamente estruturada.

Para dar conta do processo interpretativo obtido pela operação de coerção, Godard & Jayez propõem um conjunto de restrições impostas pelo verbo a seu NP complemento. Isso significa que as propriedades do complemento coagido, que desempenham um papel crucial na aceitabilidade da construção ou não no conjunto da interpretação, são selecionadas pelo verbo.

Os seguintes exemplos servem de ponto de partida para ilustrarmos as condições impostas por Godard & Jayez:

- (8) começar o queijo / *começar um queijo
(9) *L'acide a commencé la destruction du marbre.
(*O ácido começou a destruição do mármore)
(10) *commencer la pierre/*la voiture/ *le tunel

Para explicar a má-formação de (8), esses críticos lançam mão de uma condição: o complemento deve ser ligado. Os exemplos em (9), por sua vez, são explicados com base na seguinte restrição: o sujeito do verbo deve ser um controlador intencional do evento. A má-formação dos exemplos em (10) requer de Godard & Jayez a postulação de uma restrição mais forte: o sujeito deve ser um controlador não apenas do evento, mas também do próprio objeto. Dirigir um carro, rolar uma pedra ou atravessar um túnel não afetam o objeto de maneira significativa, argumentam eles.

Verspoor, por sua vez, propõe que os dados que expressam metonímia lógica sejam abordados em termos de interação

entre processos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Através de evidências extraídas de corpus², ela sustenta que, para gerar as diferentes possibilidades de interpretação das metonímias lógicas, a coerção não pode se limitar a uma simples conversão do tipo semântico do NP complemento em um evento.

Para essa autora, o fenômeno da metonímia envolve restrições lingüísticas e não-lingüísticas. O problema da forma como a TLG formula a operação de coerção está na dificuldade de expressar a influência contextual sobre a interpretação dessas construções, já que os eventos licenciados são apenas os especificados pelos componentes da estrutura qualia.

Há casos que sugerem também que nem sempre as construções metonímicas ligadas a certos artefatos têm interpretações claras, o que está em desacordo com a suposição de que todos os artefatos têm eventualidades associadas a eles. Os exemplos em (11) ilustram essa possibilidade: as interpretações metonímicas, mesmo satisfazendo as restrições da estrutura qualia, são inaceitáveis:

- (11) a. João começou a estrada. (* a dirigir na)
b. João começou o dicionário. (* a consultar)

Com base em observações dessa natureza, Verspoor rejeita a suposição de que o fenômeno em questão possa ser totalmente explicado em termos de processo gerativo governado por restrições lingüísticas gerais, como propõem Godard & Jayez. Ela defende a idéia de que, se há restrições lingüísticas, estas não são identificadas de forma direta e são muito mais complexas do que uma restrição de tipo semântico ou aspectual.

Da análise dos dados extraídos do corpus, Verspoor chega a uma constatação interessante para propor uma solução para o tratamento das metonímias: há uma diferença significativa entre os usos de metonímias centralizadas no papel agentivo e os usos de metonímias baseadas no papel télico. As meto-

² Corpus Lancaster-Oslo/bergen (LOB), com 500 amostras de textos escritos com aproximadamente 2000 palavras cada e British National Corpus (BCN), com mais de 100 milhões de palavras de uma ampla variedade de textos escritos e transcrições de língua falada.

nímias agentivas ocorrem em um conjunto mais amplo de objetos, que têm em comum a propriedade de serem artefatos. O licenciamento das metonímias télicas está diretamente associado à especificação lexical do evento convencionalmente associado com um nome particular sobre o uso metonímico.

Com vistas a capturar essa distinção, Verspoor prevê uma modelagem através de lexicalização seletiva – lexicalização somente de eventos altamente convencionalizados e que podem ser acessados no processo metonímico. Isso significa que, para ela, é preferível se valer de uma representação lexical em que nem todos os papéis estejam presentes.

3 A Natureza das Críticas

Sem perder de vista a diversidade de enfoques presente nos quatro estudos apresentados, organizou-se a apreciação da discussão promovida pelos críticos em duas partes: (i) críticas ao sistema representacional e (ii) críticas ao sistema gerativo.

No que tange aos problemas configuracionais, dois aspectos merecem destaque: o posicionamento de Pustejovsky frente ao ataque de Fodor & Lepore e a influência do pensamento de Moravcsik (1975, 1981, 1990) nas formulações da TLG.

No que se refere aos problemas operacionais, merece ênfase o funcionamento dos mecanismos gerativos.

3.1 Sobre as Críticas ao Sistema Representacional

A forma como Fodor & Lepore abordam o papel das inferências evidencia o comportamento dos autores em submeter a TLG a critérios próprios ao contexto filosófico. O mesmo questionamento acerca da possibilidade de tratar o significado, polêmica que norteia os estudos semânticos desde Quine, está presente nos argumentos de Fodor & Lepore. Desta forma, os autores não avaliaram a TLG no contexto com o qual ela está comprometida, o que significa que seus méritos não podem ser julgados apenas em termos de critérios filosóficos ou psicológicos. O fato de Fodor & Lepore não se manifestarem a respeito de todo o aparato do sistema de tipos, alegando se tratar de uma notação imprecisa e vaga, é uma prova de que os com-

promissos multidisciplinares da proposta de Pustejovsky não estão sendo levados em conta.

Pustejovsky, em sua resposta aos críticos, organiza o seu raciocínio nessa mesma direção, ao ressaltar que a TLG dispõe de mecanismos não *ad hoc* para representar o conhecimento analítico associado às palavras. Pustejovsky sustenta a idéia de que a analiticidade não precisa ser tratada com base nos conceitos de definição e substituição como convencionalmente assumidos.

As críticas ao sistema representacional não se limitam, contudo, à opção por uma abordagem não-atômica. O problema das inferências não se reduz ao problema da analiticidade. Fodor & Lepore, ao analisarem a semântica do verbo *bake*, questionam sobre a obrigatoriedade de as entradas lexicais para os artefatos informarem a faceta agentiva. Se para artefatos como *bolo*, *pão* e *bolacha* a referência à atividade que os originou parece mais relevante, para artefatos como *lápis* e *faca*, esse tipo de informação não parece necessário para determinar quem sabe e quem não sabe o significado desses termos.

Ainda que a questão esteja diretamente relacionada ao funcionamento da operação de coerção, parte das dificuldades tem sua origem primeira nos papéis qualia que são acessados no processo de composição semântica. O problema tem a ver com a forma simplificada como os fatores gerativos de Moravcsik-sistema em que Pustejovsky se inspira para formular a estrutura qualia-são explorados.

Mesmo reconhecendo que se está tratando de modelos teóricos que assumem compromissos teóricos distintos, há uma série de preocupações apontadas por Moravcsik que tem uma repercussão direta nas formulações de Pustejovsky. São elas:

- (I) O fato da compreensão incompleta;
- (II) O fato da continuidade, que prevê a mudança de intensão apesar de a extensão continuar fixa;
- (III) O fato do uso homogêneo;
- (IV) O papel explanatório dos tipos naturais;

Fatos de desenvolvimento, por sugerirem que muitas palavras são aprendidas gradualmente, o que leva Moravcsik a fazer referência a *camadas* de intensões.

Tendo em vista essa caracterização, é possível vislumbrar vários pontos em comum, mesmo considerando que a proposta de Moravcsik siga uma orientação filosófica tradicionalmente assentada. Destacam-se a referência a camadas de intenções, o que levaria a uma estrutura qualia incompleta, e a possibilidade de os padrões explanatórios serem preenchidos de diferentes formas, o que também é totalmente compatível com o processo automático ou não de preencher os papéis.

3.2 Sobre a Crítica ao Sistema Gerativo

As inadequações que Fodor & Lepore apontam para o tratamento que Pustejovsky propõe para a interpretação do VP *bake a cake* são reflexo não só da insatisfação dos críticos em relação ao processo de co-composição, como também do seu ceticismo em relação a aspectos fundamentais da teoria, tais como a visão de modulação do significado e a representação das entradas lexicais.

Em sua resposta a Fodor & Lepore, Pustejovsky (1998) apresenta exemplos de construções com o verbo *usar* para ilustrar a aplicabilidade da noção de co-composicionalidade.

- (1) a. João usou a faca no peru.
- b. Maria usa lentes de contato desde a faculdade.
- c. Este carro usa gasolina sem aditivos.

Pustejovsky salienta que a utilidade de um verbo desse tipo – denominado *verbo leve* ou *subespecificado* – está na sua capacidade de economia de expressão, uma vez que a menção a uma atividade particular pode ficar elíptica, como a atividade de *cortar*, em (11)a., e o ato de *vestir* em (11)b.

Cabe a uma operação formal – a co-composição – mapear a expressão a um novo significado, o que significa combinar a estrutura qualia do NP com o verbo semanticamente subespecificado; decorre desse mecanismo a geração dos diferentes sentidos, capturando o uso criativo das palavras.

Trata-se, sem dúvida, de um exemplo bem mais evidente de composição rica do que o caso *bake*. O exemplo com o verbo *usar* sugere que o número de interpretações depende da aná-

lise composicional do conteúdo semântico dos itens lexicais que constituem a sentença. A aplicação da operação de co-composição para licenciar a interpretação de *bake a cake*, em contrapartida, nos mostra apenas o valor que o conteúdo veiculado pela estrutura de *cake* tem para gerar o sentido de criação de *bake*, de modo que ele deixa de ser considerado como polissêmico.

É, sem dúvida, o tratamento que as construções com *begin* e *enjoy* vêm recebendo da TLG que mais desagradou os críticos. Independente da linha teórica que seguem, as quatro críticas apresentadas ressaltam que a TLG não dispõe de restrições nem para bloquear interpretações não-desejadas, nem para gerar interpretações ligadas a contextos não-típicos.

Ainda que os exemplos discutidos possam servir de indicativo para rever as condições de funcionamento da operação de coerção, não é o caso de assumir tratamentos alternativos que não objetivem capturar as regularidades que envolvem a combinação do sentido do verbo com tipos particulares de complemento, tais como enumeração de sentido, postulados de significado e extensão pragmática.

Considerando os recursos representacionais da TLG e os meios de que dispõe para se integrar ao componente pragmático, conexão já prevista pela estrutura de herança, conclui-se esta apreciação sobre as críticas ao caso *begin* destacando os seguintes aspectos:

- (I) O fenômeno da metonímia lógica não pode ser totalmente explicado em termos de processos gerativos governados por restrições lingüísticas gerais; em outras palavras, o léxico não é a única fonte de informação para interpretar as metonímias lógicas;
- (II) Isso significa que o léxico deve estar plenamente integrado a um sistema que leve em conta a influência do contexto, tal como a proposta de Asher & Lascarides (1996), que investiga como a estrutura do discurso pode afetar a seleção de sentidos lexicais, de maneira a licenciar as condições pragmáticas ligadas a certas interpretações dos verbos eventivos;
- (III) A representação do conhecimento veiculado pela estrutura qualia deve prever a influência do uso convencionalizado, o que envolve critérios para

preenchimento do papel télico, a faceta menos uniforme da qualia.

Conclusão

A meta que se procurou alcançar neste trabalho foi fornecer uma avaliação crítica da Teoria do Léxico Gerativo. Apresentando sucintamente a arquitetura do modelo, a seção 1 se concentrou nos componentes que objetivam capturar a força expressiva e criativa do significado das palavras. Trata-se de um arcabouço robusto que procura expressar, por meio de um sistema gerativo, a habilidade de as expressões linguísticas adaptarem seus significados para se encaixarem a um contexto determinado.

A seção 2 serviu de guia para ampliarmos a análise. As duas primeiras críticas, apesar de representarem linhas teóricas distintas, excluem a orientação lexicalista como recurso para capturar o processo interpretativo. De maneira que parte dessas críticas pode ser interpretada não como uma crítica especificamente dirigida à TLG, mas a todas as abordagens que concebem o léxico como um repositório de regularidades linguísticas.

As críticas de Godard & Jayez e Verspoor nos fornecem alternativas para refinar a atuação do mecanismo de coerção. Os casos problemáticos apresentados nesses estudos nos levaram a concluir que o fenômeno da metonímia lógica não pode ser totalmente explicado em termos de processos governados por restrições linguísticas, o que exige uma integração do léxico com um sistema que leve em conta a influência do contexto.

Referências bibliográficas

CHISHMAN, Rove Luiza de Oliveira. *A Teoria do Léxico Gerativo*. Porto Alegre: PUC RS, 2000. Tese de Doutorado, Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

FODOR, Jerry, LEPORE, Ernest. The Emptiness of the Lexicon: Critical Reflection on J. Pustejovsky's *The Generative Lexicon*. *Linguistic Inquiry*, 1998.

GAYRAL, Françoise. Créativité du Sens en Contexte et Hypothèse de Compositionnalité. *Traitement Automatique du Langage (TAL)*, v. 39, n° 1, p. 67-98, 1998.

GODARD, Danièle, JAYEZ, Jacques. Towards a proper treatment of Coercion Phenomena. *Proceedings of the 1993 European ACL*, 1993.

MORAVCSIK, Julius. How do Words get their Meanings? *Journal of Philosophy*, vol. 78, p. 5-24, 1981.

PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Camb./ Mass: MIT Press, 1995.

VERSPoor, Cornelia. *Contextually Dependent Lexical Semantics*. Edinburgh: Center for Cognitive, 1997. PHD Thesis, University of Edinburgh, 1997.